

ENTREVISTA COM LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO: diálogos com a sua obra

Poliana Gonzaga Rocha¹

Renata Cristina Simões de Oliveira²

Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: O presente artigo apresenta uma entrevista realizada com o Professor Luiz Octávio de Lima Camargo. Livre-Docente pela USP/EACH, doutor em Uer de Sciences de La Education, pela Universidade Paris Descartes, sob a orientação do Sociólogo Joffre Dumazedier. O Professor Luiz Octávio é graduado em Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo e sociólogo, com produções na área do lazer, educação, turismo e animação sociocultural. Um dos expoentes do SESC São Paulo, o professor Luiz Octávio apresenta várias contribuições para os estudos do lazer no Brasil. As perguntas foram formuladas, a fim de conhecer a trajetória do autor e estabelecer diálogos com a sua obra.

Palavras-chave: Luiz Octávio Camargo. Entrevista. Lazer.

INTERVIEW WITH LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO: dialogues with your work

ABSTRACT: This article presents an interview with Professor Luiz Octávio de Lima Camargo. Professor at USP / EACH, Ph.D. in UER de Sciences de La Education, at Paris Descartes University, under the guidance of Sociologist Joffre Dumazedier. Professor Luiz Octávio holds a degree in Communication / Journalism from the University of São Paulo and a sociologist with productions in the area of leisure, education, tourism and sociocultural animation. One of the exponents of SESC São Paulo, Professor Luiz Octávio presents several contributions to leisure studies in Brazil. The questions were formulated in order to know the trajectory of the author and to establish dialogues with his work.

Keywords: Luiz Octávio Camargo. Interview. Leisure Studies.

¹ Doutoranda em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG), bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), membro do Grupo LUCE (Ludicidade, Cultura e Educação – UFMG/CNPq), membro do GESPEL (Grupo de Estudos em Sociologia, Pedagogia do Esporte e Lazer – UFMG), mestre em Estudos do Lazer (EEFFTO/UFMG), graduação em Educação Física (EEFFTO/UFMG). Email: rochapoliana@yahoo.com.br

² Doutoranda em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG) e bolsista FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), membro do Grupo HISLA (História do Lazer), Mestre em Estudos do Lazer (EEFFTO/UFMG), graduação em Turismo (UFVJM). Email: renatinhacrs@hotmail.com

ENTREVISTA COM LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO: diálogos com su obra

RESUMEN: El presente artículo presenta una entrevista realizada con el Profesor Luiz Octávio de Lima Camargo. En la Universidad de París Descartes, bajo la orientación del sociólogo Joffre Dumazedier, doctorado en Uer de Ciencias de La Educación, por la Universidad de París Descartes, bajo la orientación del sociólogo Joffre Dumazedier. El profesor Luiz Octávio es graduado en Comunicación / Periodismo por la Universidad de São Paulo y sociólogo, con producciones en el área del ocio, educación, turismo y animación sociocultural. Uno de los exponentes del SESC São Paulo, el profesor Luiz Octávio presenta varias contribuciones para los estudios del ocio en Brasil. Las preguntas fueron formuladas, a fin de conocer la trayectoria del autor y establecer diálogos con su obra

Palabras-clave: Luiz Octávio Camargo. Entrevista. Estudios del Ocio.

Nossa aproximação com a obra do professor Luiz Octávio Camargo, se deu a partir da disciplina de Teorias do Lazer cursada no primeiro semestre do doutorado, ministrada pela professora Doutora Christianne Luce Gomes, em que deveríamos apresentar a obra de um autor contemporâneo, a partir dos anos de 1980. Sua obra discute o lazer no Brasil, país em vias de desenvolvimento, como decorrente do processo de urbanização, revelando uma hibridação entre práticas de lazer modernas e atividades lúdicas tradicionais. Defende a necessidade de uma educação para o lazer que foque em, simplesmente, vivenciar o lazer, sem que se recrie as normatizações impostas ao trabalho e, que devesse buscar o entendimento do lúdico na vida cotidiana. Conhecendo a sua expressividade no Serviço Social do Comércio (SESC/SP), sendo a instituição importantíssima para os primeiros passos de se pensar o lazer como campo acadêmico e de intervenção, optamos por entrevistá-lo para compreender as suas concepções de lazer atuais, e como a relação com o Joffre Dumazedier influenciou em sua obra.

P. Rocha e R. Oliveira: Luiz Octávio, nos textos escritos por você é sempre colocado que havia uma forma de “lazer” antes do contexto industrial, seja nas sociedades gregas antigas, seja nas comunidades rurais que mantinham trabalhos artesanais. Considerando a afirmativa de Joffre Dumazedier de que o “lazer é produto das sociedades industriais”, houve algum embate teórico entre vocês durante o seu doutorado na França, e/ou nas discussões do Centro de Estudos do Lazer - Celazer?

L. O. Camargo: Havia uma discussão, sim, e a questão central da minha tese de doutorado estava exatamente no foco da discussão. Mas vamos historiar os fatos. Quando comecei minha tese, em 1976, o conceito de lazer de Dumazedier (1962) era

recente. Não mais de 15 anos e procurando distanciar-se de dois já existentes. De um lado, De Grazia (1962) para quem o lazer atual é o mesmo da *skolé* grega, um tempo livre para se desenvolver, no sentido etimológico do termo: desenrolar ou seja exprimir-se e exprimir suas preferências pessoais de prazer. De outro, a noção bastante difundida de Veblen que chamou de lazer o tempo livre utilizado pelos grandes barões da indústria americana, para quem o não-trabalho era um privilégio a ser exibido acompanhado de um consumo ostentatório, que ele chamou de *conspicuo*, por designar a condição social privilegiada.

Para Dumazedier, o lazer moderno supõe a pré-existência de um tempo livre historicamente conquistado do trabalho. Já para o cidadão grego e o capitalista moderno, o trabalho era atribuição dos estratos inferiores da sociedade. Dumazedier se filiava a um grupo de estudiosos com quem conviveu e interagiu: Georges Friedman (1972), David Riesman (1995), Jean Fourastié (1967), Geoffrey Godbey (2008), para quem essa visão, que Pronovost (1983) chamou posteriormente, de *ocidentocentrismo*, mostrava o lazer estreitamente ligado aos desdobramentos da revolução industrial.

Já os folguedos e festividades das sociedades rurais, tradicionais diferenciam-se do lazer moderno, para ele, também pela qualidade do tempo, mas numa outra linha de argumentação. Nas sociedades tradicionais, esses folguedos e festas se desenvolvem num tempo social homogêneo em que o divertir-se mistura-se com a rotina familiar, com o trabalho, de ritmo mais lento que o atual, e com o culto religioso, que propiciava festas e quermesses.

A revolução industrial explodiu a unidade dos tempos sociais, fragmentando-os em tempos estanques. As pesquisas de orçamento-tempo distinguem 4 tempos com propriedades diferentes: trabalho, família, obrigações pessoais e tempo livre (no qual inclui-se o lazer). Hoje, o tempo livre (e, portanto, o lazer) não se mistura com trabalho e cada vez é mais distante da rotina familiar e religiosa. O tempo livre urbano, basicamente ocupado com o lazer, é pago pelo trabalho. Aliás, como costume dizer em aula, o contrato de trabalho moderno é também um contrato de tempo livre: diário, pela limitação da jornada diária, fim de semana (remunerado), férias (remuneradas) e aposentadoria (remunerada). Este modelo surge na revolução industrial.

P. Rocha e R. Oliveira: Onde estava, então, o debate?

L. O. Camargo: O verdadeiro debate, para mim, estava no fato de a visão de Dumazedier, mais que *ocidentocentrismo*, mostrar-se exclusiva das sociedades desenvolvidas. Eu me sentia acuado por essa teoria. Se o lazer é um produto do trabalho moderno, regulamentado, que pensar do Brasil da época, onde menos de 50% da população estava no emprego formal (mesmo se em São Paulo, na região de Campinas, essa taxa era quase europeia, de 70%)?. Em face disso, minha questão foi assim formulada: “se o lazer é um produto das sociedades industriais e desenvolvidas, como se

coloca a questão do lazer nas sociedades ainda em vias de industrialização e de desenvolvimento, como é o caso do Brasil?”

Todos no programa acharam a questão um primor, não sei bem, aliás, porquê. Mas foi talvez a primeira vez em que eu entendi que a formulação correta de uma questão é heurística, ou seja, tem o condão de mapear todo o caminho a ser seguido.

A tese resultou assim de uma longa discussão envolvendo reflexões sobre a natureza do tempo livre na economia brasileira (as principais teorias do desenvolvimento do país (documentos da CEPAL e a teoria da dependência) e na antropologia (as formas de vivência do tempo na sociedade brasileira), além de um pouco de história (da redução da jornada de trabalho no Brasil) e sobretudo sociologia, em diversos ramos: do desenvolvimento, urbana, da educação, da mudança social, da religião, do trabalho.

A minha conclusão pode ser resumida numa frase de Nestor Garcia-Canclini (1999) que eu só vim a conhecer 20 anos depois: nas sociedades latino-americanas a modernidade ainda está a caminho e a tradição ainda não se foi. É o que ele chama de hibridação da sociedade. Ou seja: temos, de um lado, uma população que vive a dinâmica do lazer moderno e, de outro, uma população a caminho da modernidade para quem ainda valem as mesmas premissas do entretenimento rural. E essa hibridação pode ser lida não apenas no lazer e nos equipamentos e práticas de lazer como em diferentes instâncias da vida social no país.

Em outras palavras: no Brasil viviam-se e ainda se vivem dois modelos de prática do lúdico em hibridação: um, do lazer tipicamente moderno, que diz respeito às metrópoles e grandes cidades, semelhante ao das sociedades desenvolvidas, coexistindo com práticas lúdicas herdadas do mundo rural ainda presente.

P. Rocha e R. Oliveira: Mas isso não acontece de uma forma ou de outra em todas as sociedades que conheceram uma migração em massa do campo para a cidade, inclusive as sociedades dos países desenvolvidos?

L. O. Camargo: Esta foi uma questão colocada na época. Foi fácil, no entanto mostrar que as práticas lúdicas tradicionais na França e nos países desenvolvidos em geral já estavam inscritas no que se chama de folclore, ou seja, não eram mais práticas vivenciadas pela população. Já no caso do Brasil, não dá para dizer que os festejos, sobretudo no Norte e Nordeste sejam folclore. Ao contrário, tal como na sociedade rural, são vivências cíclicas de forte impacto na vida cotidiana. Na verdade, a coexistência dos dois modelos e a sua interação é, para mim, a verdadeira face do lazer no Brasil.

P. Rocha e R. Oliveira: Poderia nos contar um pouco sobre esse processo de discussão sobre o que seria “lazer”?

L. O. Camargo: Retomando a reflexão e colocando-a sob a questão de fundo que precisava ser estudada antes: durante o auge da revolução industrial e no início do

século no Brasil, um operário trabalhava de 3.500 a 4.000 horas, enquanto hoje um trabalhador de 40 horas semanais tem uma jornada anual de 1.800 a 2.000 horas. Em que se converteu esse tempo liberado do trabalho? Em tempo para recomposição da força do trabalho ou em práticas culturais de lazer? O lazer é um conceito real, no sentido de ter identidade e visibilidade no cotidiano, ou um devaneio de sociólogo ou mesmo simples ideologia?

É uma questão que vale para o lazer moderno em qualquer sociedade, mesmo em países desenvolvidos, onde, aliás, surgiu a polêmica. Permeava a discussão dessa questão o então recente livro publicado por um membro da equipe de Dumazedier, Marie-Françoise Lanfant (1972). Como todos os marxistas da época, ela preferia falar de tempo livre, como foi inclusive nomeado o primeiro congresso internacional de lazer, em Cuba, em 1966. Falar em lazer, para ela, seria negar a assertiva marxiana de que, dentro do capitalismo, o tempo livre apenas serve à recuperação da força de trabalho ou ao consumo. Assim, sempre para ela, dizer como Dumazedier que o tempo livre era o campo de práticas culturais variadas chamado lazer, seria apenas uma romantização valorizadora da ideologia capitalista.

Dumazedier respondeu (1978) que sua noção de lazer se baseou numa extensa pesquisa numa cidade média comprovando que o tempo livre era sim espaço de uma intensa vida cultural, o que justificava o uso do conceito de lazer. Para ele, negar a realidade empírica mostrada por uma pesquisa também é uma postura ideológica.

Aliás, Dumazedier também rebatia esta postura de Lanfant com uma leitura original do Marcuse (1999). Este tentou unir uma perspectiva marxista e freudiana tentando encontrar uma saída para a “sinuca de bico” em que Freud tinha colocado a civilização. Para Freud (1997) cultura sempre significou repressão e o avanço da civilização significava mais repressão (tese, aliás, retomada por Norbert Elias (1994). Marcuse, sem dúvida, via que o tempo livre maior do que o tempo de trabalho (que Dumazedier chamava de inversão histórica) era a oportunidade de a sociedade utilizar o prazer do tempo livre (ele não chegou a usar a palavra lazer que, aliás, nem existe em alemão) como forma de resistência ao capitalismo.

Esse também foi um mote da minha tese: negar o lazer no Brasil, como o faziam os sociólogos da USP e da PUC-SP da época, era também produto de uma postura ideológica. Mas não tive coragem de enfrentá-los. Apesar de ter tido uma linha de publicação à minha disposição no SESC (Biblioteca Científica – série Lazer) e apesar de o SESC ter colocado à minha disposição uma tradutora competente para minha tese, nunca tive coragem de publicá-la.

P. Rocha e R. Oliveira: A revolução industrial e as reivindicações por jornadas de trabalho mais curtas mudaram o modo de viver o lazer. Já a revolução tecnológica que assistimos hoje, constantemente tem mesclado o tempo de trabalho com o tempo de lazer, e vice-versa. Como você avalia essa mudança para uma sociedade que ainda está aprendendo a divertir-se?

L. O. Camargo: Christianne Gomes, professora do programa de vocês, já abordou (2008) esse tema da progressiva identificação de trabalho e lazer. No início, achei que essa postura derivava da existência de pessoas apaixonadas pelo trabalho como ela, o que representava, no meu modo de ver, um por cento da população economicamente ativa. A evolução das teorias de gestão cada vez mais estimulando a participação e a ludicidade no trabalho pouco a pouco mostraram que ela estava, senão certa, ao menos premonitória. E foi o que aconteceu com a revolução tecnológica. Hoje, com o acesso ao mundo virtual até pelo celular, a situação é mais clara: existe o que Pronovost (2016), para mim o maior sociólogo contemporâneo do lazer, chama de porosidade dos tempos sociais. Hoje as pessoas tanto se divertem no trabalho roubando tempo para acesso às redes sociais como têm o tempo de lazer roubado para atender a demandas do emprego e nada indica reversão dessa tendência.

Houve mesmo um tempo em que cheguei a pensar que o conceito de lazer era datado e não resistiria aos novos tempos. Hoje eu penso o contrário: é importante estudar o lazer para compreender como os demais tempos sociais – do trabalho, da família, da política partidária, da vida religiosa – tentam assumir características típicas do tempo de lazer.

No limite, eu diria que um dia talvez o estudo do lazer não seja necessário porque ninguém mais aceitará um trabalho, uma família, uma religião, um partido político que não aceite os valores dos comportamentos típicos do lazer: amabilidade, autenticidade, informalidade, etc. Isso é utopia? Nem tanto! Olhem os escritórios das empresas de TI, Google à frente! Vejam como as religiões, os partidos políticos, as famílias são estimuladas a incorporar eventos e atividades de lazer como forma até de sobrevivência. Nessa elucubração (bem longe de ser uma previsão), talvez aconteça com o lazer o mesmo que, na biografia romanceada por Gore Vidal (1987) do imperador romano Juliano, o filósofo Libânio diz sobre o fim do helenismo: como que rogando uma praga sobre o cristianismo. Libânio dizia que este não acabaria com o helenismo: ao contrário, seria o responsável pela perenização da cultura grega, o que efetivamente aconteceu. Glosando Gore Vidal, pode-se dizer que não haverá mais porque se falar em lazer apenas quando seus valores já tiverem convertido todas as demais instituições da sociedade. Se isso um dia acontecer, o lazer deixará a superestrutura e passará a fazer parte da infraestrutura da cultura.

P. Rocha e R. Oliveira: No livro *O que é lazer*, você aponta que a tecnologia, no caso a tevê seria um alibi para o isolamento das pessoas e não necessariamente a causadora, mas são apresentados dois aspectos preocupantes em relação ao uso da tecnologia pelas crianças: em primeiro lugar a apropriação de uma cultura lúdica estranha a nossa cultura; em segundo a exposição excessiva aos vídeos que podem gerar danos à saúde.

L. O. Camargo: Essa pergunta é hoje mais importante do que o foi na época em que escrevi o livro. Com os celulares, esses videogames estão ainda mais incorporados ao cotidiano e tudo o que falei na época, acho, vale ainda mais hoje. Em primeiro lugar, não é o fim do mundo. Os videogames não isolam as crianças, não os emburrecem. Ao contrário, trazem muitas vantagens para o desenvolvimento do raciocínio, da sintonia manual fina, numa época em que o abandono do uso das mãos, como alerta o paleontólogo André Lérois-Gourhan (1964) pode ter consequências devastadoras para a inteligência humana. Os problemas decorrem de sua dinâmica viciante: há que se evitar o excesso de exposição.

P. Rocha e R. Oliveira: Como você percebe, atualmente, essa relação entre a tecnologia e a vida cotidiana? E as consequências do seu uso para a saúde e relações interpessoais?

L. O. Camargo: Sua pergunta lembra que há ainda outra reflexão necessária sobre a relação entre tecnologia e lazer. Na verdade, hoje é claro que o futuro do lazer assenta-se em duas bases: da busca de uma experiência original (fala-se hoje em turismo de experiência como se pode falar em lazer de experiência) e do apoio tecnológico, cada vez mais ambos conjuntamente. Nas minhas aulas de lazer, comparo um vídeo do SESC sobre brincadeiras indígenas e outro sobre turismo espacial em que um magnata americano compra passagem numa nave russa rumo à Estação Espacial Internacional. Chamo a atenção para o fato de que os índios obtinham um prazer e uma alegria genuínos apenas fazendo uso do próprio corpo e da natureza, ao passo que o milionário americano, com a fina flor da tecnologia e trinta milhões de dólares gastos, só sabia dizer “como estou feliz”, sem que o não verbal nada mostrasse de uma alegria genuína.

Na verdade, hoje só sabemos nos divertir com a tecnologia e mesmo assim sem obter uma alegria verdadeira. Ou melhor, para que a experiência verdadeira de alegria aconteça, a tecnologia faz-se mais do que nunca necessária. Hoje a vertigem de um pequeno escorredor não diverte mais ninguém. Buscam-se as formas proporcionadas pela tecnologia nos esportes radicais e nos parques temáticos (elevadores com quedas de altura impressionante, tobogãs gigantes, etc.). Aliás, é de se perguntar se esse gosto exacerbado pela vertigem não é, como diz Caillois (1990), uma corrupção do lúdico, como o proporcionado pelas drogas mais pesadas como a cocaína, a heroína.

Finalmente! Todo velho é muito preocupado com o fim do mundo e eu não escapo. Acho que é uma contingência da idade, mas no fundo sempre torço para que o mundo só acabe na forma prevista: inevitavelmente, mas daqui a alguns milhões de anos pela frente. Nada com que se preocupar no momento, portanto!

Minha questão vem de um livro inquietante de Peter Sloterdijk (2011), que retoma a tese do paleontólogo André-Leroi Gouhan (1964). Ele parece sair da ficção científica ao mostrar que a nossa sociedade cada vez mais nos controla e, tal como num parque

zoológico, o parque humano é servido de uma dupla dietética: alimentar e de lazer. Há pouco vi que os chimpanzés do zoológico de São Paulo hoje dispõem de um playground. Depois disso, nunca mais deixei, ao ver um programa de televisão e mesmo ao ler um livro, de pensar que estava desfrutando de uma ração que me segurasse em casa sem ocupar um espaço público cada vez mais hiperpovoado e cheio de problemas. “Devo ficar quietinho na minha jaula”, pensava eu.

Esse é o futuro do lazer? Não, se depender das melhores políticas públicas propugnadas pelos estudiosos nas áreas de lazer, turismo, cultura, eventos, etc., que, no fundo, apenas querem nos dizer: “saíam de casa e venham compartilhar do espaço público, mesmo com os riscos de violência e outros”.

P. Rocha e R. Oliveira: Qual a percepção que você tem hoje do turismo (seja ele social ou não) como um dos meios de se realizar a “educação pelo/para o lazer”?

L. O. Camargo: A viagem educa, sem dúvida! Até os órgãos ligados à educação reconhecem isso ao mostrar, por exemplo, que o aluno intercambista em outro país deve ter sumariamente seus estudos convalidados porque o resultado educativo da viagem é mais importante que qualquer aproveitamento no próprio país.

Isto dito acho que a primeira tarefa é desmistificar o gosto que se supõe universal para a viagem. Há pessoas que não gostam de viajar pelos mais variados motivos e são forçadas a viajar para exibir a marca de uma das práticas de lazer que mais distinguem o indivíduo. Qual é a porcentagem dos que gostam e não gostam de viajar? Sempre tomei como referência para responder a esta questão a pesquisa francesa de Dumazedier (1966) que mostra o percentual de operários que, mesmo podendo, recusam-se a viajar: em torno de 40%.

A segunda tarefa, decorrente, é desmistificar o prazer da viagem e do lazer de modo geral. Dumazedier, com muita argúcia, mostra que o prazer não é necessariamente o resultado de uma atividade de lazer. O prazer é apenas a lógica da escolha de uma atividade, mas o prazer pode acontecer no início, no meio, no fim ou simplesmente não acontecer. Na verdade, se pensarmos bem (e isso vale especialmente para a viagem), se o lazer é um produto do trabalho, isso tem vantagens - no Brasil, especialmente, ganha-se algo mais do trabalho pelo lazer do fim de semana, das férias (um terço do salário correspondente ao período) - mas vive-se também o lado negativo do parentesco: tal como o trabalho, o lazer também é comandado pelo relógio de ponto e não, como deveria ser, apenas produto de um desejo espontâneo.

A falta de espontaneidade é o maior veneno contra a vivência do lúdico no lazer marcado pelo relógio. A música do Fantástico, no final do domingo, é vivida pela população como um réquiem de um fim de semana que muito prometeu e apenas mostra que no dia seguinte tudo recomeça. A Rede Globo tem tanta consciência disse que, todo ano, altera o formato da música. Mais do que nunca, o mito de Sísifo parece real: tudo o que nos cabe é carregar o rochedo diariamente ao topo da montanha e, desolado, soltá-

lo para recomeçar no dia seguinte. O lazer, filho do trabalho, precisa libertar-se da ditadura paterna.

Ainda há uma terceira. Alunos de turismo escandalizam-se com três recomendações de Jost Kryppendorf (2003) sobre a viagem: “viagem para o mesmo lugar, viagem para locais sempre mais próximos, não saiam de casa”. Não há porque escandalizar-se. No início do livro, ele lamenta que as pessoas viajem hoje, não como antigamente para conhecer novas paisagens e culturas, mas para fugir da vida medíocre que sentem levar. Ficar em casa por opção e não por segregação pode até ser uma opção de antilazer ou antiturismo. Prefiro chamar de turismo interior, inspirando-me em Proust. Por que não viajar para um tempo perdido e passar um fim de semana olhando papéis velhos, fotografias e bilhetes antigos? As mudanças de paisagem, ritmo e estilo de vida do turismo acontecerão de forma natural, sem nenhum exibicionismo e sem nenhum custo, também.

P. Rocha e R. Oliveira: E como conseguir que o lazer liberte-se dessa ditadura paterna?

L. O. Camargo: No meu ponto de vista, é uma tarefa da educação para o lazer. Somos assombrados no tempo de lazer com mitos que precisam ser desfeitos: do prazer total, da necessidade de protagonismo na amizade, no amor! No meu livro, que tem o mesmo título (CAMARGO, 1998) digo exatamente isso: que a especialização e o ativismo são atributos do trabalho que alguns equivocadamente transportam para o lazer. Precisamos aprender a diversificar nossos fármacos, como os gregos chamavam tudo o que favorecia passar agradavelmente o tempo, entendendo que mais do que nunca o que é pessoal deve impor-se a tudo o que é social. O gosto é meu, como se diz!

Precisamos aprender também a simplesmente desfrutar, sem querer necessariamente agir. Desfrutar simplesmente! O lazer mais barato é o devaneio que nos carrega para todas as paisagens. Precisamos no lazer agir a contracorrente do trabalho: em lugar da impessoalidade (no trabalho somos um crachá) a marca pessoal; em lugar da tensão, ter consciência da necessidade do relaxamento (os orientais nos ensinam muito a esse respeito) e em lugar da produtividade, do fazer o máximo no mínimo de tempo, ao contrário não fazer agora o que pode ser deixado para depois, não fazer hoje o que pode ser deixado para amanhã e simplesmente não fazer amanhã o que se pode deixar de fazer. Deixar-se levar, ao menos no tempo de lazer, é tão perigoso assim? Na realidade, a evasão, desde que não contamine outras esferas da vida, é desejável no lazer.

P. Rocha e R. Oliveira: Professor, você tem uma história atrelada ao SESC, foram 13 anos compondo o seu quadro de colaboradores. O SESC nesse ano de 2018 sediou, pela segunda vez, o Congresso Mundial de Lazer, diante do exposto, gostaria de

saber a sua opinião sobre a trajetória do SESC na consolidação e ampliação dos estudos do Lazer no Brasil?

L. O. Camargo: O SESC foi muito importante na minha vida. Ao SESC e ao meu seminário onde passei minha adolescência devo toda a minha formação intelectual e profissional de base. A Dumazedier e sua orientação devo o resto. E posso dizer (porque acompanhei e participei) que o SESC foi muito importante ao propor o tema do lazer para a sociedade brasileira. Mais importante, ainda, foi ao incorporar Joffre Dumazedier nessa trajetória. Isso aconteceu no tempo do Renato Requixa (1980), ele próprio um estudioso do lazer. Não é por acaso que os avôs do estudo do lazer no Brasil – Marcellino, Bramante, Pina e eu próprio, entre muitos outros que depois seguiram outros caminhos – todos sejamos originários do SESC.

Depois de Requixa, o SESC achou melhor falar não mais de lazer, mas de cultura, o que, para mim, foi um erro. Como se perguntava Sérgio Rouannet, se tudo é cultura o que é mesmo cultura? O termo lazer e a noção de lazer nunca foram negados, mas foram, digamos, colocados em segundo plano. Aliás, não somente no SESC, mas entre os próprios trabalhadores da cultura sempre houve um constrangimento na associação de sua atividade com o lazer. Experimente dizer para o curador de um museu que ele é um profissional do lazer! Como lembra Geneviève Poujol (1989), mesmo na França os animadores socioculturais resistem a enxergar no lazer seu referencial teórico, diferentemente do Québec, onde, apesar do peso e da influência da França, os animadores se auto intitulam profissionais do lazer. De onde vem esta resistência, perguntava ela, se é no tempo de lazer que as pessoas frequentam museus, centros culturais, praticam esportes, etc.!

Também choca o fato de o SESC ter organizado há pouco um Congresso Mundial de Lazer e não apenas ter deixado de fazer valer o seu pioneirismo na área no país como de ter esquecido de chamar os grandes nomes da sociologia do lazer (Pronovost, Llalive d'Épinay, Chris Rojek, Geoffrey Godbey). Mais: o Congresso Internacional de 1998 foi lembrado, mas esqueceu-se a organização daquele que foi um dos maiores eventos científicos da área, organizado pelo próprio SESC em 1985 e realizado na Colônia de Férias de Bertoga, reunindo os grandes pesquisadores da época vindo da França, Bélgica, Itália, Grã-Bretanha, Canadá (francês e inglês), EUA, e, claro, dos brasileiros. A abertura do evento, por sugestão dos integrantes, foi feita pelo então presidente da Associação Internacional de Sociologia, Fernando Henrique Cardoso, com uma bela conferência ainda não publicada. Tudo, infelizmente, esquecido. Pior ainda foi ter ouvido de uma das organizadoras do Congresso, após minhas críticas, que uma das agendas do evento era eliminar a tradição dumazediana nos estudos do lazer.

Não obstante, é de se elogiar que, mesmo tergiversando na questão dos termos, o SESC continuou a tradição programática herdada de Requixa, ampliando-a, aprofundando-a e abrindo fronteiras continuamente, sobretudo na articulação internacional, razão pela qual inclusive está em estudo na USP, como proposta do Curso

de Lazer e Turismo da EACH, a atribuição do título de Doutor Honoris Causa a Danilo Santos de Miranda, o diretor regional que substituiu Requixa.

P. Rocha e R. Oliveira: Professor, diante da sua trajetória na história do lazer no Brasil e a sua representatividade enquanto produtor científico no campo, eu gostaria de compreender como você percebe essa sua transição do SESC e ingresso na universidade.

L. O. Camargo: Comecei a pensar em estudar o lazer quando, ainda em 1970, trabalhava nas Unidades Móveis do SESC. Achava esse trabalho de animação comunitária tão fascinante que acreditava ser necessário estudar o tema mais a fundo para poder defendê-lo das críticas advindas tanto dos assistentes sociais, - com quem mais dialogávamos na época e que nos chamavam pejorativamente de festeiros e desdenhavam do fato de o SESC não exigir curso superior de seus técnicos - e dos sociólogos da época, que nos viam como ponta de lança do capitalismo, até mesmo por se tratar o SESC de uma instituição ligada a um órgão patronal. Tentei mostrar na época aos meus colegas da USP que os empresários não interferiam na programação e que tudo o que o SESC fazia era mérito ou demérito nosso, dos técnicos da instituição.

Requixa gostou da minha ideia de estudar no exterior, já que no Brasil o assunto era quase interdito, e me ajudou a conseguir uma bolsa do próprio SESC para estudar em Paris. Meu projeto inicial era trabalhar com Alain Touraine e ele me aceitou até que, já em Paris, eu falei em lazer. Percebi que ele não gostava do tema. Achei até bom porque eu queria mesmo era estudar com Dumazedier que não respondeu ao meu pedido anterior porque estava em viagem. Ele me indicou para o doutorado e com o tempo tornou-se meu pai espiritual. Eu sempre me comovo ao lembrar que só quando eu apresentei meu projeto de doutorado é que eu senti ter sido acolhido por ele, bem no dia em que eu soube que meu pai, no Brasil, tinha morrido em decorrência de um AVC fulminante. Minha trajetória com ele está relatada em entrevista que dei à Olívia Ribeiro para a revista *Licere* (2003).

Saí do SESC quando eu ocupava o segundo posto da administração, já sob a direção de Danilo Miranda, ao sentir que o novo presidente não apreciava muito o legado que eu representava e que resolveu, como uma das primeiras atitudes, demitir Joffre Dumazedier. Eu saí e felizmente Danilo continuou e conseguiu trazer o SESC para um patamar de protagonismo ímpar no contexto cultural brasileiro.

De qualquer forma, ao sair, achava que não conseguiria continuar trabalhando com lazer e tirei a poeira de meu diploma de jornalista. Era o ano de 1985. Por que não procurei a Universidade? Procurei, até mesmo para validar meu título de doutor obtido na França. Obtive essa validação alguns anos depois, sempre sentindo as pessoas desconfiadas de que minha agenda secreta era entrar na Universidade. Por que não entrei? Deixemos para lá um infeliz capítulo da mediocridade humana. Aos poucos, contudo, em primeiro lugar os escritórios de planejamento urbano e depois as IES

começaram a me chamar. Cinco anos depois, já estava integralmente de volta ao campo do lazer.

Esse interregno foi muito útil para mim. Fiz consultorias as mais variadas e agreguei uma experiência profissional mais ampla do que a que o SESC me havia proporcionado. Mas só em 2002, vinte anos depois que eu havia defendido minha tese, portanto, é que recebi do hoje meu caro amigo Mário Carlos Beni o convite para participar da elaboração de um programa de mestrado em hospitalidade e turismo na Universidade Anhembi Morumbi. O programa em hospitalidade foi aceito e hoje posso dizer que agreguei essa palavra-chave ao meu currículo. Posteriormente, fui chamado também pela USP-EACH para o então recém-implantado Curso de Lazer e Turismo.

Os 20 anos em que meu diploma de doutor ficou mofando me trouxeram algo, é claro, mas atrasou a minha carreira de pesquisador. Não lamento o fato em si, mas há poucos dias dei-me ao exercício de rever minha tese de doutorado e fiquei muito triste ao ver que o ponto em que estava na minha carreira de pesquisador merecia ter sido objeto de uma continuidade e o quanto é custoso retomar algo.

P. Rocha e R. Oliveira: O que você pode deixar para nós, os doutorandos da UFMG, como perspectiva no campo do lazer enquanto local de produção científica e as possibilidades de ingresso na universidade pública, a partir dos seus desafios e potencialidades.

L. O. Camargo: Tenho várias sugestões e vou organizá-las da melhor forma possível, mesmo correndo o risco de ser longo:

Em primeiro lugar, fujam das simplificações fáceis. Há muitos estudiosos para quem a sociologia do lazer esgotou-se com Thorstein Veblen e sua teoria de classe do lazer. A associação do lazer com perfumaria, status, etc. ainda continua. Na minha tese, discuti as relações entre lazer e consumo. Lá afirmo que no lazer há sempre algum tipo de consumo, mas no mais das vezes é um consumo de vivências, de imagens. Há também um consumo baseado na distinção social mas está longe de ser o padrão no tempo de lazer. Há um consumo material, mas a questão é quando está ligado ou não a um desejo genuíno de vivência de uma prática e não a um consumo ostentatório. Mary Douglas (2004), Sahlins (1979) e outros teóricos do consumo são importantes para compreender o conceito no tempo do lazer. Este, é claro, responde a uma dinâmica capitalista: quem produz, consome e o capitalismo sabe disso. Para que ganhar com produção, se não para consumir? Dumazedier enfatizava que a economia moderna assenta-se sobre uma dupla dinâmica: da produção nos dias úteis e do consumo, sobretudo de lazer, nos dias feriados. Mas isso deve nos servir apenas para combater esses juízos errados sobre as perdas econômicas nos feriados prolongados. Nós, do campo do lazer, que trabalhamos nos dias feriados, sabemos disso: feriado não quer dizer economia parada nem trabalhadores parados; quer dizer, sim, reciclagem dos ganhos da produção pela população e trabalho pesado para os profissionais do lazer.

Outra simplificação fácil é associar a exclusão no lazer simplesmente à pobreza. A pobreza é sim um fator de exclusão considerável no que se refere ao trabalho, à educação, ao vestuário, à alimentação, à moradia. Aliás, o combate às condições de vida abaixo da linha da pobreza deveria ser o objeto de uma das duas principais políticas públicas ao lado da educação fundamental em tempo integral. Mas, em relação ao lazer, a discussão deve ser consideravelmente mais nuançada. Os psicólogos do lazer, sobretudo, Mihaly Csikszentmihalyi (1992), entre outros, são unânimes em afirmar que acima da linha de pobreza o excesso de dinheiro pouco interfere. A visão sobre a exclusão no lazer deve ser mais sofisticada, como esboço na segunda observação. Ademais, os estudos mostram que o principal fator de exclusão é geográfico, derivando do local de moradia e isto afeta não apenas as periferias urbanas. Do ponto de vista da vida cultural no lazer, um estudante pobre do centro da cidade de São Paulo tem melhores condições do que um empresário rico de uma pequena cidade distante dos grandes centros produtores de cultura.

Ao conhecer a pesquisa feita por Magnani (2018) e seu Núcleo de Antropologia Urbana-NAU sobre as unidades do SESC, dei-me conta de que, diferentemente do que pensava Dumazedier, a antropologia está mais bem posicionada epistemologicamente para compreender o lazer, ao menos enquanto o prazer ainda é obrigado a se esconder nas dobras do pensamento das pessoas.

O sociólogo, como observador da sociedade, analisa tendências, comportamentos dos diferentes segmentos e classes sociais. Ele dirige seu foco para os grandes blocos da vida social e analisa suas mútuas interações. Discute como o lazer se posiciona diante de outros tempos sociais como o trabalho, a família, a religião, a política, mostrando as relações dialéticas entre esses campos. Sem perder de vista o indivíduo, ele tende, assim, para a análise em nível macro.

Já o antropólogo, sem perder, é claro, a dimensão mais ampla em que seus temas de pesquisa são recortados, trabalha em nível micro. Busca o familiar no aparente exotismo das populações ditas primitivas e, nas populações urbanas, mostra o exótico no que parece familiar. Busca o ser humano em ação na sociedade, com todas as contradições próprias do indivíduo mergulhado na sinfonia do cotidiano, com seus tons maiores e menores.

Ele pode, assim, captar as cenas em que aparece o protagonismo do lazer como agente vivificador das relações sociais na cidade e os inesperados campos aos quais está relacionado. Pode mostrar o que para o sociólogo é um ponto cego: que, no lazer, o indivíduo busca os tons maiores da existência, aquilo que o torna capaz de se sentir único e livre, apesar dos determinismos sociais.

Em segundo lugar, observo que o programa de vocês está na área mais adequada da Capes que é a Interdisciplinar e que o lazer precisa com urgência dessa interdisciplinaridade tomada em seu sentido mais profundo. Os cursos de turismo que estão na área da administração são estrangulados pela pauta da área que não

corresponde ao que se pensa hoje sobre lazer e turismo. Interdisciplinaridade não é multidisciplinaridade. É ação coletiva em que pesquisadores de várias áreas debruçando-se sobre um tema e aos poucos ajustam o foco em função de uma pesquisa coletiva criando um objeto comum.

Mesmo se a interdisciplinaridade com as disciplinas científicas próximas já é difícil, vou ainda mais longe e, para mim, a grande urgência para os estudiosos do lazer é o diálogo com as ciências exatas, mormente a bioquímica e a etologia. Um exemplo de tema comum? Brincadeiras de crianças e animais. Um etólogo (ou etologista) compreende melhor o lúdico dos primeiros meses de um ser humano do que um psicólogo. O finado César Ades, então diretor da etologia da USP, disse-me que as brincadeiras de animais são um dos principais temas de mestrado e doutorado na área, o que comprovei depois.

Outro tema, desta feita ligado à neurobioquímica, é o do humor e os hormônios. Fala-se muito em exclusão no lazer por renda e outros fatores e não se lembra de nunca do fator hormonal: 20% da população adulta é naturalmente (no sentido exato da palavra, de natureza) excluída do lazer: os que padecem de síndromes como estresse, hipotímia, depressão. Mesmo sem ir tão longe, é preciso ao menos passar da multidisciplinaridade onde estamos, para a interdisciplinaridade.

P. Rocha e R. Oliveira: Quer deixar uma mensagem final?

L. O. Camargo: Vou repetir duas teses que venho desenvolvendo sem muito êxito, a julgar pela nula repercussão e que tem em comum a proposta de uma defesa mais assertiva do nosso campo de estudos.

Na década de 1990, falava-se do novo século como a era do lazer e do entretenimento. Autores como Lafargue (2000) Huizinga (1974), Pieper (1969) Russell (1957), Marcuse (1999), Dumazedier (1976), Maffesoli (2006) revisitados ou criados na época fermentaram esse sentimento. Não é por acaso que Domenico de Masi (2000) tornou-se um best-seller entre nós. Os cursos da área lotaram.

Hoje, acho que vivemos o refluxo desse sentimento. Os empregos não chegaram para nós: continuam sendo sazonais e mal remunerados. As filas para os cursos da área mirraram.

Na verdade, ao que parece, nós e os nossos cursos nunca compreendemos efetivamente a natureza desse mercado. O reitor da Universidade Anhembi Morumbi, que foi o introdutor dos cursos de turismo no Brasil, criticava-nos por isso. Ele dizia que queria ter implantado um curso de lazer e não de turismo, mas que, ao conversar conosco, achava que para nós lazer era o mesmo que recreação ao passo que ele queria o entretenimento (vale a pena em outra oportunidade, deter-se na diferença entre esses conceitos, hoje utilizados quase como sinônimos), sobretudo a tecnologia aplicada ao entretenimento.

Que lição podemos tirar disso? O entretenimento comanda os negócios? Talvez não, mas certamente podemos ver que o lúdico permeia hoje todas as esferas da ação humana e que é importante batalhar pelo principal substrato do lazer que é a vivência lúdica, prazerosa. Tenho para mim que a principal aplicação prática do lazer é o entendimento do lúdico na vida cotidiana. Quem estuda o lazer deve se tornar um expert em ludicidade. Num momento em que mais do que ter a possibilidade do lúdico existe a obrigação de sermos lúdicos, pode-se dizer que estamos na crista da dinâmica cultural do mundo moderno, mesmo que os famosos empregos que enriqueceriam todos os trabalhadores da área não tenham aparecido. O lazer continua no centro da cultura neste novo século. Os autores de temas ligados ao lúdico (e hoje há uma infinidade de autores além de Huizinga e Caillois) deveriam estar na parte privilegiada do nosso referencial teórico.

Outra tese vem de um lamento particular sobre o bonde da história perdido na década de 1960. Na época, Antônio Cândido, com *Os parceiros do Rio Bonito*, e uma série de autores já denunciavam que o Brasil do litoral tinha esquecido o Brasil do interior, onde grande parte da população ainda vivia em condições próximas do neolítico, ao menos no que diz respeito à cultura material.

Não custar lamentar que Juscelino Kubitschek tenha pensado em Brasília como solução do problema e não na escola de tempo integral realmente democratizada e em condições de, em uma geração, preparar toda essa população do interior para a vida que buscavam na cidade. Essa população, que não se preparou para o desafio da civilização e não tem condições de almejar empregos qualificados, tornou-se o que Vilen Flusser (1998) chamou de infraestrutura da urbanização brasileira. Isso explica boa parte dos problemas urbanos que vivemos hoje.

Hoje, o que se poderia perguntar é: o que essa população sabe fazer de melhor? Desde Sérgio Buarque de Holanda (1991) e seu homem cordial, sabemos da vocação da nossa população para a ludicidade. Sem dúvida, num arroubo de coragem, poder-se-ia mesmo dizer que o lazer não deveria ser objeto apenas de uma política pública. Devemos ter coragem de propô-lo, ao menos a curto prazo, como **a única** política pública, a única capaz de dar conta do estágio civilizacional da população que vem da zona rural, com o duplo objetivo de emprego de mão de obra e de preservação das nossas festas e práticas tradicionais, como se faz em Bali, por exemplo.

Essa política deveria também estar na base de uma proposta pedagógica de escola em tempo integral. Uma escola como propugnava Dumazedier com três tempos: da cultura intelectual básica exigida pela cidadania (o currículo atual do MEC, que, por sinal, merece reestudo), de atividades obrigatórias, mas opcionais (atividades físicas e artísticas de lazer) e de um tempo livre dos alunos para suas próprias necessidades. O lazer assim comandaria dois terços do tempo dessa escola.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio: José Olympio, 1991.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAMARGO, Luiz O.L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DE GRAZIA, Sebastián. **Of Time, Work and Leisure**. Nova Iorque: The Twentieth Century Fund, 1962.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- DE MASI, Domenico. **Ócio criativo**. Rio: Sextante, 2000.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Vers une civilisation du loisir?**, Paris: PUF, 1962.
- _____. **Vers une civilisation du loisir?**, Paris: PUF, 1962. Traduzido para o português como **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. **Loisir et culture**. Paris: Seuil, 1966.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 vols. Rio: Zahar, 1994.
- FLUSSER, Vilem. **A fenomenologia do brasileiro**. Rio: UERJ, 1998.
- FOURASTIÉ, J. **As 40 000 horas: um perfil do futuro**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FRIEDMAN, Georges. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- GODBEY, Geoffrey. **Leisure in Your Life: new perspectives**. State College, PA: Venture Publishing, 2008.
- GOMES, Christianne L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Itinerarium**, Rio de Janeiro, v.1, p.1-17, 2008.

- GORE VIDAL, Eugene L. **Juliano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- HUIZINGA, Johann. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- LANFANT, Marie-Françoise. **Les théories du loisir. Sociologie du loisir et idéologies**. Paris: PUF, 1972.
- LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. 2 vols. Lisboa, Ed.70, 1964.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. São Paulo: Forense, 2006.
- MAGNANI, José G. e SPAGGIARI, Enrico. **Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica**. São Paulo: SESC, 2018.
- PIEPER, Josef. **Lazer: a base da cultura**. São Paulo: EPU, 1969.
- POUJOL, Geneviève. **Profession: animateur**. Toulouse: Privat, 1989.
- PRONOVOST, Gilles. **Temps, culture et société**. Québec: Presses Universitaires du Québec, 1983.
- _____. O futuro da sociologia do lazer. Entrevista a Luiz Octávio de Lima Camargo. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 3, n. 2, p. 149-164, 2016.
- REQUIXA, Renato - **Sugestão de diretrizes de uma política de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- RIBEIRO, Olivia. Joffre Dumazedier por Luiz Octávio de Lima Camargo: entrevista. **Revista Licere**, v.6, n.2, p.81-95, 2003.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao lazer**. São Paulo: Nacional, 1957.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

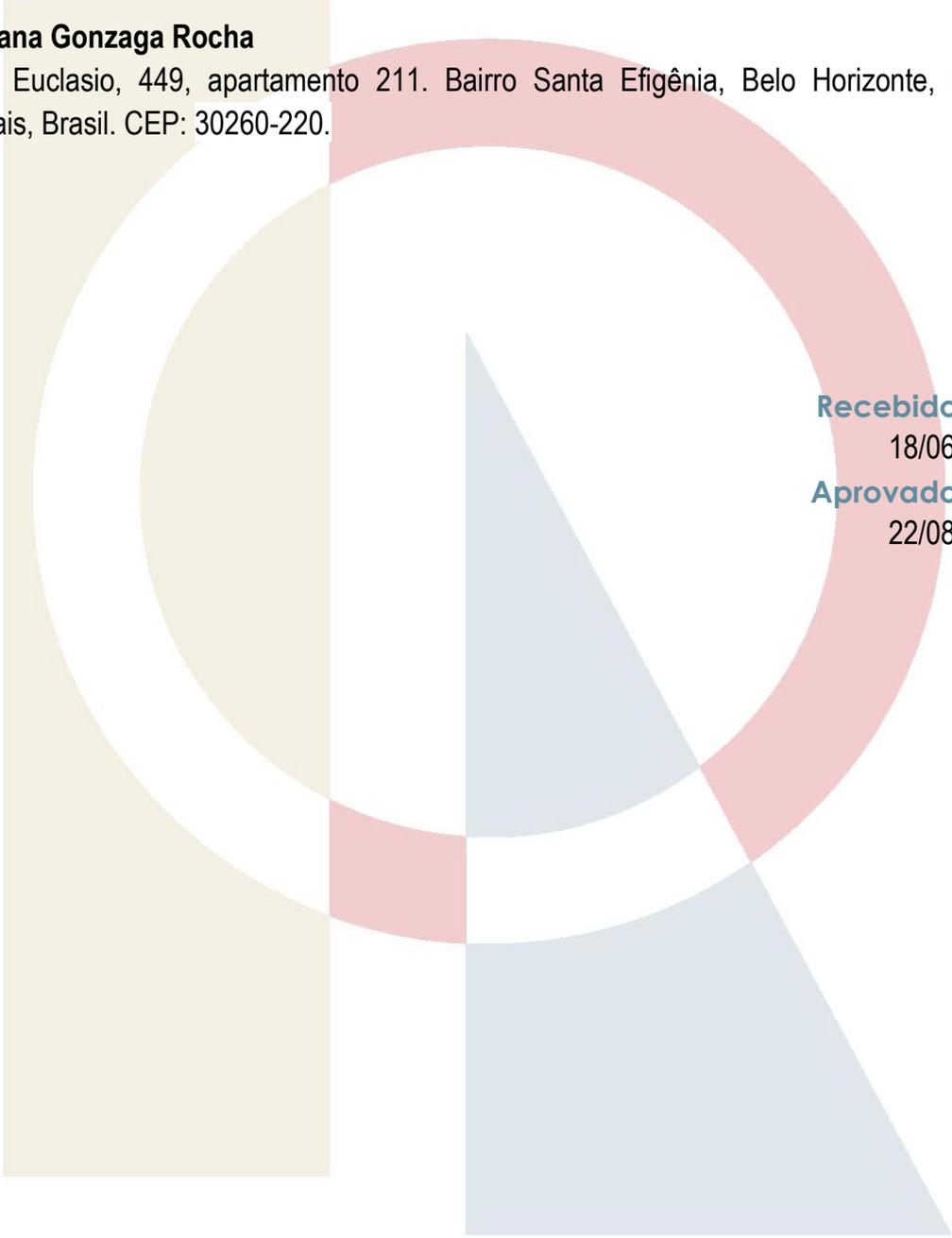
Endereço para correspondência

Renata Cristina Simões de Oliveira

Rua Mariana Oliveira Tavares, 204, casa A. Bairro Ouro Preto, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 31.320-360.

Poliana Gonzaga Rocha

Rua Euclasio, 449, apartamento 211. Bairro Santa Efigênia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30260-220.



Recebido em:

18/06/2018

Aprovado em:

22/08/2018